



## Religiosidade e laicidade: o que nós, psicólogos, temos a ver com isso?

POR JOSÉ HENRIQUE LOBATO VIANNA\*

Apreciamos ao longo dos tempos o surgimento de preceitos, éticas e valores que deram base ao que chamamos de cultura. Dentre esses modelos, temos, por exemplo, os que provêm das religiões, estas cunhadas sob o ideário da transcendência e da limitação humana. No livro "Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso", Mircea Eliade comenta que as imagens, os símbolos e os mitos têm por função revelar as mais secretas modalidades do ser.

Entendendo, como Felix Guattari, que as subjetividades são forjadas e modeladas no registro social, e as expressões de crença advindas das religiosidades passam por esta modelagem fabricando paixões, por vezes, intolerantes e segregadoras, vide o fundamentalismo imperante em certos segmentos religiosos.

Portanto, não devemos mais nos furtar a pôr em debate quando o tema em questão diz respeito ao ponto da laicidade e das religiosidades quando as vemos próximas do campo da Psicologia.

A psicanalista francesa Françoise Dolto, em seu livro "O Evangelho à luz da Psicanálise", trata das implicações dessa disciplina no campo das religiosidades e pode ajudar um pouco nesta reflexão acerca da posição de qualquer profissional, independentemente de ser psicólogo, quando se vê confrontado com o discurso religioso. Dolto faz um apanhado de determinadas passagens bíblicas conduzindo-as, pelo viés psicanalítico, para a atualidade. Neste livro, ela discorre sobre suas experiências de infância, bem como do período anterior à entrada da Psicanálise na sua vida. Fala, portanto, de sua própria crença em relação ao sagrado e como isto incide na sua vivência como pessoa. Partindo dessa história, podemos inferir que, antes de nos tornarmos profissionais, trazemos já impressas em nossas memórias as marcas da cultura e, sendo assim, nossas vivências devem ser respeitadas

e acolhidas. Dentre estas manifestações simbólicas, podemos ter, dependendo da formação pessoal, lembranças de experiências de cunho religioso ou, mesmo ainda, ser um religioso contrito e participante nas mais diversas instituições que lidam com o sagrado. Isso é do âmbito da intimidade da pessoa. Entretanto, quando estamos no exercício da profissão, devemos ter clareza em relação aos cuidados que prestamos àqueles que nos buscam solicitando nossos serviços. Não cabem, neste instante, nossas crenças ou descrenças, mas sim a responsabilidade que devemos ter para com o outro, que, por suas razões pessoais, nos busca como profissionais éticos e respeitosos.

Que o Estado brasileiro é laico, todos sabemos, mas quais são os limites entre laicidade e religiosidade quando se trata da construção de um saber e de um fazer como os ligados ao exercício da Psicologia? O que acontece quando se mistura crença pessoal com o exercício profissional? Quais são as implicações desse ato?

O Código de Ética do Profissional Psicólogo inicia seu texto sustentando que a práxis desse profissional se baseará "no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano", sendo seus princípios norteados pelos valores expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Diz ainda que o psicólogo "atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural". O lidar com a diferença nos remete ao limite entre aceitar e respeitar.

Pode ser que não se aceite como crença uma determinada manifestação religiosa, mas se deve respeitá-la como profissão de fé daquele que crê. Ou mesmo quando nos deparamos com aqueles que nada professam e que também devem ser respeitados por suas convicções agnósticas ou ateias. Temos responsabilidades em nossas condutas profissionais e devemos ter cuidados quando tratamos da integridade psicofetiva daqueles que recebem nossos serviços nos mais diversos espaços de trabalho. Além do que, pelo próprio Código de Ética, em seu artigo 2º, é vedado ao psicólogo "induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais".

Temos lido, visto e ouvido nas mídias escrita, visual e falada assuntos que envolvem temas ligados à esfera religiosa: como um criança judia ter que rezar um credo cristão junto à turma sob ameaça de punição ou mesmo outro fato ocorrido em que menina que professa religião de matriz africana não poder mos-

\* José Henrique Lobato Vianna (CRP 05/18767) é psicólogo clínico, conselheiro do CRP-RJ, mestre em Memória Social pela UNIRIO e doutor em Psicologia Social pela UERJ. Foi membro da Comissão Gestora do CRP-RJ entre 2003 e 2004 e conselheiro durante o XI (2004-2007) e XII (2007-2010) Plenários do CRP-RJ.

trar sua crença na escola por se sentir ameaçada em revelar suas convicções nas aulas de religião. Como nós, que trabalhamos com a saúde mental, nos posicionamos em relação a isso?

Esses pontos ajudam à reflexão sobre quais são os limites da profissão quando se apresentam, por exemplo, questões de ordem religiosa.

No VIII Congresso Nacional da Psicologia, em 2013, dentre tantas outras deliberações aprovadas pelas (os) psicólogas (os) eleitas (os) democraticamente nos diversos Congressos Regionais, ficou determinado que uma das ações a ser implementada pelo CFP e pelos CRPs no triênio 2013/2016 estaria baseada na construção de debates com a categoria acerca da questão da laicidade na profissão e a promoção dos Direitos Humanos. Tal diretriz tem por intenção fomentar o diálogo entre a Psicologia e a religiosidade/espiritualidade, bem como questionar os posicionamentos fundamentalistas que por ventura possam aparecer em determinados discursos e práticas de profissionais da área da Psicologia que calcam sua mensagem pelo viés religioso, ao invés do embasamento técnico e científico que devem pautar a sua prática.

Está, portanto, aberto o debate: pode a (o) psicóloga (o) ser religiosa (o)? Pode ser agnóstica (o)? Ateia (ateu)? Será que é esta a pergunta a ser feita ou devemos sair dos embates de foro íntimo e pessoal e partir para a reflexão a que diz respeito do espaço público que a profissão nos leva? Como conjugar crença pessoal com atuação profissional sem perdas nem danos para aquele que professa qualquer tipo de religiosidade?

Desde os primeiros encontros internacionais em que se debatia a Psicologia no contexto social, o tema das religiosidades se apresentava nas discussões dos congressistas. Com isso, podemos considerar que essa temática já era bem atrativa para os debatedores. Conclui-se que a ciência psicológica vem ajudando, há muito tempo, vários setores da sociedade, inclusive os religiosos.

Na história da Psicologia brasileira, temos em destaque alguns religiosos que contribuíram na sua construção e afirmação como ciência e profissão. O primeiro curso de Psicologia no país teve como um dos idealizadores o religioso jesuíta Antonius Benkő, na PUC-Rio em 1957. Além disso, Padre Benkő participaria mais tarde da formação do I Plenário do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, em 1974, como vice-presidente.

O segmento religioso viria a buscar nos testes psicológicos, em alguns momentos, a base para avaliação dos noviços que pleiteavam adentrar na vida contemplativa e oblativa. Muitos foram os religiosos que iniciaram o curso de Psicologia nas décadas de 1960 e 1970, período áureo dos primeiros cursos em plena ditadura militar. Hoje em dia, muitas pessoas, das mais variadas filiações religiosas, têm buscado na Psicologia recursos para seus serviços, seja como psicólogos ou mesmo nas instituições religiosas às quais pertencem.

Infelizmente, o debate sobre o tema nos espaços acadêmicos ainda é incipiente e poucas são as instituições que se abrem para o estudo das questões pertinentes à Psicologia e Religião. As faculdades de Psicologia não estão habituadas a tratar desse tema; poucas são aquelas que ofertam algum tipo de discussão, seja em disciplinas “Psicologia e Religião” ou mesmo em debates mais aprofundados em alguma matéria, como por exemplo, na de ética profissional. É uma pena, pois as agências formadoras, ao não abrirem espaços para discussão desse tema, possibilitam certos equívocos que poderiam ser, pelo menos, atenuados em relação à atuação desse futuro profissional.

### ***"A Psicologia deve ser laica em sua organização, porém nada a impede de estudar os fenômenos de ordem religiosa que se apresentam nas mais variadas culturas."***

A Sociologia e a Antropologia já avançaram mais em suas pesquisas e discussões sobre o tema das religiosidades, mas a Psicologia ainda se mostra receosa em aprofundar seus estudos. Algumas ações, contudo, já acontecem: a ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) promove discussões acerca da Psicologia da Experiência Religiosa desde 1997 no Grupo de Trabalho de Psicologia e Religião. Tal grupo tem por objetivo o estudo, entre outras coisas, da experiência religiosa na formação da personalidade, bem como o seu atravessamento na prática clínica e na formação do psicólogo, tendo, inclusive, já realizado nove seminários nacionais e organizado e publicado alguns livros onde abordam o estudo da Psicologia da Religião. Tal tema é pesquisado em diversos países, tendo sociedades de ensino que promovem tal ação, tal como a International Association for the Psychology of Religion, fundada em 1914 na Alemanha.

Podemos pensar neste ínfimo debate a partir de possíveis receios de se associar a Psicologia às questões ligadas à alma, como nos primórdios dessa disciplina, ainda muito próxima à metafísica, se é que são estes os argumentos que permeiam o impasse e a pouca apropriação do debate.

Isso, porém, não acontece somente no Brasil: o livro "*Psicologia y Religion*", organizado por César Roberto Avendaño Amador, da Universidade Nacional Autónoma do México, traz relatos de profissionais da América Latina que abordam as tensões entre esses saberes em seus países. O papel que nos cabe como pesquisadores do campo “psi” e o de estudar os efeitos da manifestação religiosa na vida pessoal e coletiva da humanidade e não o de afirmar ou refutar se elas estão certas ou erradas como metodologias. A Psicologia deve ser laica em sua organização, porém nada a

impede de estudar os fenômenos de ordem religiosa que se apresentam nas mais variadas culturas. Com certeza, tanto a religião, com seus valores e crenças, quanto a Psicologia, como ciência e profissão, têm muito a contribuir uma com a outra.

No livro "Em Nome de Deus", de Karen Armstrong, encontra-se o estudo acerca do fundamentalismo no interior das principais religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Ao longo da história, vemos em várias culturas que, em nome de Deus, se matam aqueles que não professam a mesma crença. Meninas, como as da Nigéria, são sequestradas e obrigadas à conversão forçada à religião dos sequestradores, ou seja, se destroem culturas e sonhos, se uniformizam pensamentos e robotizam sentimentos. O que podemos pensar desse tipo de ação? No Brasil, encontramos manifestações de intolerância quando se trata de determinados segmentos religiosos quando próximos a diferentes expressões/manifestações de religiosidades. O que os profissionais da Psicologia dizem disso?

A negação dos direitos democráticos e do pluralismo religioso não cabe nesse segmento fundamentalista que afasta qualquer ideia ou desejo que não seja o que acredita ser a verdade, pois partem para o combate quando entendem como ameaça que os valores mais sagrados estão postos em xeque. Num estado secular, tal prática é inadmissível, pois a liberdade de expressão e de credo faz parte do cotidiano dos cidadãos.

Aceitar e respeitar não são sinônimos, pois posso não aceitar determinados argumentos, mas devo respeitá-los como ideia do outro. Cada um pode construir suas verdades e partilhar com os grupos que pensam do mesmo modo, mas impingir ao outro a ideia que acredita ser verdadeira é ultrapassar os limites do bom senso e do respeito ao próximo. O excesso em relação a alguns discursos que chegam de forma impositiva e nem um pouco reflexiva e respeitosa nos impele ao contra-argumento e defesa irrestrita do respeito às diferenças. Como já dizia Mahatma Gandhi, as religiões são caminhos diferentes que convergem para o mesmo ponto, ou seja, rumam para algo ligado à ordem da transcendência. Independentemente de sermos religiosos ou não, seguimos a vida, por vezes em caminhos diferentes, mas almejamos, quase que de forma coletiva, a felicidade, o amor, a vida.

As questões de respeito às diferenças no campo das religiosidades fazem parte inerente da luta pelos Direitos Humanos e para isso devemos estar atentos à formação do aluno e futuro profissional de Psicologia, bem como daqueles já atuantes nas diversas esferas em que a Psicologia se encontra. Cabe, portanto, à academia e aos órgãos reguladores da profissão a abertura de espaços para a discussão de assuntos pertinentes às questões religiosas para, quem sabe, possíveis equívocos produzidos nesta esfera sejam cada vez mais ecos de um passado remoto, não mais evocados na atualidade.